

PAÍS

MAPA DA FOME

Estado tem pelo menos 2,7 milhões de miseráveis

Moradores de favelas do Rio, como o complexo da Maré (zona norte) e a Rocinha (zona sul), trabalham mais horas por semana e ganham menos por hora trabalhada do que moradores de bairros de classe média, como Tijuca e Botafogo. O cálculo foi feito por pesquisadores da FGV (Fundação Getúlio Vargas), que divulgaram ontem o Mapa do Fim da Fome 2, com base no Censo 2000. Os números apresentados ontem detalham a situação do Estado do Rio, cuja população miserável é de cerca de 2,7 milhões de pessoas (19,45% do total).

Para a fundação, miseráveis são aqueles que não ganham o suficiente para consumir as 2.280 calorias diárias recomendadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde). Segundo o cálculo da FGV, estão abaixo da linha da miséria os que têm renda de menos de R\$ 80 mensais, no Brasil, ou de menos de R\$ 79, no Rio. De acordo com o Mapa do Fim da Fome 2, para que cada miserável fluminense consiga ultrapassar a linha da miséria são necessários em média mais R\$ 37,07 por mês. Se cada não-miserável do Estado doasse R\$ 8 mensalmente, seria possível em tese erradicar a miséria, disse o pesquisador Marcelo Neri, coordenador do estudo. As informações sobre a jornada semanal de trabalho por bairro da capital chamaram a atenção dos autores do estudo.

Na média, o carioca trabalha 42,68 horas por semana, para ganhar R\$ 5,26 por hora. Essa jornada chega a 46,47 horas nas favelas da Maré (zona norte) e a 45,93 horas na favela do Jacarezinho (zona norte), que é também o terceiro bairro com mais miseráveis do Rio (27,54%). Em contraste, os moradores da Tijuca, bairro de classe média na zona norte, trabalham 39,8 horas por semana, para receber R\$ 9,33 por hora, contra R\$ 1,90 recebido pelos moradores da Maré. Segundo o estudo, o bairro com mais miseráveis do Rio é o complexo de favelas do Alemão (29,4% dos moradores).

50 milhões

As transferências de recursos públicos para cada um dos 50 milhões de miseráveis brasileiros somavam, até 2000, apenas R\$ 0,35 mensais. O valor, que representa 1,29% da renda dos que estão abaixo da linha da pobreza. Embora a oferta das condições mínimas de sobrevivência seja, prioritariamente, um dever do Estado, a pesquisa revela que o repasse da iniciativa privada era 35% superior (R\$ 0,47).

São Paulo é o Estado com o menor percentual de miseráveis (14,25%) e Maranhão aparece como o maior: 68,42%. A cidade com mais moradores que vivem abaixo da linha da miséria é Centro do Guilherme (MA).